



João Craveirinha

Memórias

do Primeiro Craveirinha de Moçambique, e João

n. 23 Novembro 1920 – f. 4 Julho 1997

Layout: Kraveirinya Mphumo 2016

texto e pesquisa de 'Mphumo' John Kraveirinya©

Hoje escrevo sobre o meu pai, pois ele, João J. Craveirinha (sénior) foi o primeiro Craveirinha de Moçambique – JOÃO (sénior) nome de seu avô (meu bisavô). Nasceu em 1920, dia 23 Novembro pelas duas horas da madrugada, no bairro do Alto-do-Mahe com o Chamanculo, à estrada do Zixaxa, defronte da antiga padaria do português Serrano, em Lourenço Marques.

João (sénior), filho do português algarvio de Aljezur, José João (Fernandes), alcunhado “o da craveirinha”, sub-chefe de polícia nascido em 1872, e da muito jovem ‘tombazana’ Carlota Mangachane natural do Xai-Xai, nascida c. 1904, descendente dos rongas Muianga e Mafumo. (Ambos meus avós paternos).

Quando meu avô algarvio nasceu, oficialmente, ainda era permitida a escravatura em Portugal. Pois, a escravidão institucionalizada somente foi abolida em 25 de Abril de 1876. Nas colónias continuaria. Mais tarde substituída pela lei do ‘contrato indígena’ que duraria até finais da década de 1950.

José o pai algarvio de João, viaja a Portugal pouco depois do nascimento de seu irmão mais novo, Zézé. Ambos ficam com a muito jovem mãe e a avó Fanisse Muianga (minha bisavó). Vão para fora da cidade, na região rural, a norte, na localidade de Bokisso, Michafutene, num terreno comprado pelo pai polícia para a mãe dos filhos em Marracuene.

Em Portugal, o pai algarvio casa-se com Maria do Carmo, uma enfermeira-parteira, madeirense, mais velha e sem filhos. Passam c. 4 anos. Em Moçambique, vivendo com a mãe e família, longe da cidade, os irmãos João e José não falam português. Só entendem o idioma xi-ronga materno. O pai poeta (sem escola) algarvio e polícia, regressado a Moçambique, vive separado da mãe dos filhos que tem outro homem e ronga, do qual teve um filho baNto: meu tio, Gomes.

A madrasta portuguesa vem radicar-se em Lourenço Marques. Em 1926, João com 6 anos – o Mapilene de sua mãe, e Sontinho, o irmão José, com 4, passam a viver com a madrasta portuguesa, abastada, que os educa com esmero como filhos biológicos. A mesma enfermeira-parteira é proprietária de uma clínica na avenida 24 de Julho ao lado do Cine-Teatro Manuel Rodrigues.

João e o irmão passam a residir nas proximidades, mais acima, numa vivenda adquirida pela madrasta, localizada a subir pela transversal Avenida Paiva Manso (actual Samuel Magaia) cruzando a Av. 24 de Julho, e mais acima da Av. Afonso de Albuquerque (Ahmed Sekou Touré), paralela à Av. Pinheiro Chagas (Eduardo Mondlane). Vivenda na fileira ao lado da antiga mercearia ‘Casa do Funcionário.’ O histórico cemitério S. Francisco Xavier era ali próximo (actualmente totalmente vandalizado). [Segue]

João J. Craveirinha (sénior), segundo seus colegas, foi sempre aluno de 19-20 valores (notas máximas), da escola primária (4 anos) ao 7º ano do 'Liceu 5 de Outubro.' (7 anos secundários hoje equivalentes à 12ª classe ou ano). O mesmo João J. Craveirinha (1920-1997) foi ainda emérito pedagogo como explicador de estudos multidisciplinares, a começar pelo apoio ao irmão mais novo, José Craveirinha (1922-2003), futuro «grande épico nacional», a quem orientava na escrita e nos estudos desde a escola primária, entre 1928 a 1932. Após a morte da madrasta e do pai, João e o irmão José vão viver com o tio paterno, António João Fernandes Craveirinha – guarda-fiscal, vizinho da família do poeta Rui de Noronha (1909-1943).

João J. (sénior) dava explicações de latim e grego clássicos, português, francês, inglês, alemão, espanhol, história, geografia, matemática, desenho livre e geométrico, biologia, e física e química. Escrevia versos em Latim. Hoje dir-se-ia que era um sobredotado. Muito fora de série, sem dúvida. Mais tarde desiste de uma bolsa-de-estudos de mérito para estudar medicina na Universidade de Coimbra, como seu desejo. Fê-lo para não abandonar José, seu irmão mais novo. Aconteceu em 1938.

Noutras latitudes, teriam melhor aproveitadas essas suas capacidades inatas, fruto da génese – ronga - algarvia. O azar (dele) foi ter nascido numa colónia de um país ruralizado e pobre, Portugal, em lento desenvolvimento cultural e tecnológico numa Europa em franco avanço científico e democrático, ainda que paradoxalmente também colonial. O mesmo considerando aplica-se ao seu irmão José, homem de estatuto intelectual alfa-alfa perdido algures nas penumbras coloniais.

João (sénior), na vida adulta, continuaria a apoiar e a proteger esse seu irmão mais novo, continuador da tradição algarvia de família, para a poesia. João J. Craveirinha (sénior) passa a frequentar a Associação Africana desde 1938, aos 18 anos, após ter terminado o 7º ano de Liceu (12ª ano) com distinção, como o melhor aluno. É premiado com uma viagem à Europa por todo Portugal e regiões insulares, de onde regressa chocado com certo atrasado nessa metrópole colonial (Portugal), sobretudo em

hábitos de higiene e profilaxia.

Início da década de 1940:

Os contactos profissionais que João J. Craveirinha (sénior) tinha com funcionários goeses – os ditos indo-portugueses –, na repartição de Fazenda, permitiriam alguma sociabilidade com a comunidade goesa do funcionalismo público em Lourenço Marques. Terá sido por isso que encaminharia o seu irmão José J. Craveirinha, somente com a quarta-classe, para aprendiz de tipógrafo e repórter no bi-semanário «O Oriente», fundado por um «empregado bancário indo-português Luís Vicente Alvarez (1877-1944)», e seu proprietário. Antes, o mesmo irmão mais novo (José) fora aprendiz de serralheiro, profissão em que não vingou pela falta de vocação. Nesse semanário, deu os primeiros passos como aprendiz de tipógrafo e, posteriormente, como repórter e jornalista – naquela que viria a ser mais tarde uma carreira promissora, ainda que não compensatória em termos de remuneração.

João J. Craveirinha (sénior) casa-se em 2 de Dezembro de 1943 com dona Cacilda da Conceição (Dias), vulgo dona Cidinha (1923), também como ele génese de um português mas abrantino e de uma moça ronga. Pelo lado materno baNto, descendente da antiga estirpe dos Mphumo, Hunguana, Libombo, Tembe, oriundos há milhares de anos da África central – Congo e Grandes Lagos –, que rumaram à África Austral dando origem a vários outros grupos étnicos e linguísticos.

Dona Cidinha reside ainda em 2016, na grande Lisboa. É minha mãe.

João J. Craveirinha (sénior), natural de LM (ao Chamanculo – kaMphumo) como funcionário público, em serviço, esteve em Nampula onde nasceu minha irmã mais velha, em 31 de Julho de 1945.

Eu, nasci em 1947 na Ilha de Moçambique, onde faleceu essa minha irmã, Albertina, em 13 de Janeiro de 1948 – por erro de diagnóstico e de prescrição médica. Algo semelhante ao que aconteceria com o nosso pai, em 1997, na grande Lisboa, na margem sul do Tejo.

Ainda na década de 1950, no semanário “Brado Africano,” propriedade da Associação Africana, JOÃO José seria o chefe de redacção do seu irmão e poeta JOSÉ João. [Segue na próxima página]

João J. Craveirinha chegaria a Director de Finanças (antiga Fazenda Pública). Segundo o académico e autor moçambicano Calane da Silva (2002), o funcionário público João J. Craveirinha (sénior) «irmão [mais velho] do grande épico nacional» foi o «primeiro mulato a atingir por mérito próprio o posto de Director dos Serviços de Finanças de Lourenço Marques» na década de 1970... (Ainda que discordemos do conceito de “mulato” pela origem pejorativa etimológica, secular, preconceituosa, tanto no árabe como nos idiomas ibéricos (luso e espanhol). Fica o registo.

João J. (sénior) foi especialista em ‘Contribuição e Impostos’ na então cidade colonial de LM (Lourenço Marques) capital da colónia portuguesa de Moçambique, na África do sudeste. Nesse âmbito, como funcionário de Finanças, criou o ‘papel azul’ – documento para os que queriam abandonar Moçambique rumo a Portugal, após a independência de 1975. Ironia do destino teria de preencher o mesmo formulário que criara, quando precisou de exilar-se em Portugal, em Março 1976.

Nesse ínterim, seu filho mais velho também João J., mas júnior, penava por dissidência pelos “campos da morte” de Niassa oriental – em Mitelela ex-Nova Viseu militar portuguesa. Seria libertado em Abril de 1976. Do campo dito de “reeducação política,” é levado de helicóptero até à capital provincial, Lichinga (ex. Vila Cabral) e depois num Boeing comercial da LAM, descalço e escoltado, via Tete à Beira, aí de voo internacional até à ainda cidade-capital de Lourenço Marques.

Na década de 1960, João J. Craveirinha (sénior), então 2º oficial da D. S. de Fazenda e Contabilidade (sede em LM), inteirou-se da situação em Cabo Delgado, da qual nos deixou registo, publicado em 1961, depois dos trágicos acontecimentos de 16 de Junho de 1960 no planalto makonde em Mueda. O estudo intitula-se «A CIRCUNSCRIÇÃO dos MACONDES e o FISCO». Publicado pela revista documental Colónia de Moçambique, 105, páginas

14-15. Inserida em «Monografia sobre alguns problemas da região dos Macondes». Em epígrafe, uma citação do Professor Adriano Moreira, então “Ministro do Ultramar.” (1)

Nos finais do ano de 1964, o irmão de João (sénior), o poeta José Craveirinha, chefe de célula de clandestinidade política da cidade de Lourenço Marques, exila-se no vizinho reino da Swazilândia.

Entre um vaivém dúbio e semi-clandestino a LM, o mesmo irmão regressa à Swazilândia onde, em 1965, se encontra num beco sem saída. Dar-es-Salaam em Tanzania, sede da Frente de Libertação de Moçambique (FreLiMo) fica cada vez mais distante. Desesperado, o poeta José envia um telegrama ao irmão mais velho – João Craveirinha – na verdade, um SOS: - Quer regressar. Mas... isso implica entregar-se às autoridades coloniais portuguesas e sofrer as consequências. (2)

O irmão mais velho transmite a mensagem recebida ao governador-geral português. Na audiência concedida para o efeito, o director da PIDE (polícia política portuguesa) encontra-se ao lado do Governador, com uma cópia do telegrama chegado da Swazilândia para o irmão de Zé Craveirinha, o João. Mais uma vez o irmão mais velho (João) vai ao encontro do apelo do irmão mais novo (José). Atendendo o pedido, segue-se o “resgate” do poeta em terras coloniais britânicas da Swazilândia, contra a oposição da esposa do poeta – a tia Maria de Lourdes, a nossa mãe coragem pelo estoicismo perante a adversidade política, social e financeira, ao redor do marido e dos filhos – Stélio e José J. júnior – o Ze-ca.

Como referido, JOÃO José Craveirinha (sénior), nascido em 1920, 23 de Novembro, funcionário público aposentado, faleceu fora de Moçambique – em Portugal, na grande Lisboa, em 4 Julho 1997. Coincidentemente o seu irmão JOSÉ João Craveirinha (laureado poeta) faleceu igualmente fora de Moçambique, mas na República da África do Sul, num hospital. [Conclui na página seguinte]

O Autarca

Primeiro jornal electrónico editado na cidade da Beira

Leia e Divulgue O Autarca

Publicite n' O AUTARCA

O seu Diário Electrónico Editado na Beira

Na data de 4 de Julho, efeméride da Independência dos EUA (1776, 4 de Julho), regista-se a partida física de meu pai, João J. Craveirinha (sénior).

Aqui, fica este registo, para a posteridade luso-moçambicana, sobre o primeiro CRAVEIRINHA de Moçambique.

Fica algo de seu percurso existencial, desconhecido da maioria, e deturpado por outros, e

ventualmente, fruto de consultas a fontes comprometidas em esconder algo menos dignificante.

João J. Craveirinha, sénior, teve seis filhos: A falecida filha, Albertina (1945-1948), e mais quatro filhos com a esposa Cidinha – somente dois sobreviveram – o João, seu júnior, segundo filho, de 1947, e o Hélder, de 1953. (Com a dona Adelina em 1954, teve mais um filho, o Manuel). ■ **MJK**

Texto retirado de esboço biográfico sobre a primeira geração dos irmãos Craveirinha, de Moçambique – João (1920-1997) e José, (1922-2003). Escrito pelo filho e sobrinho, respectivamente.

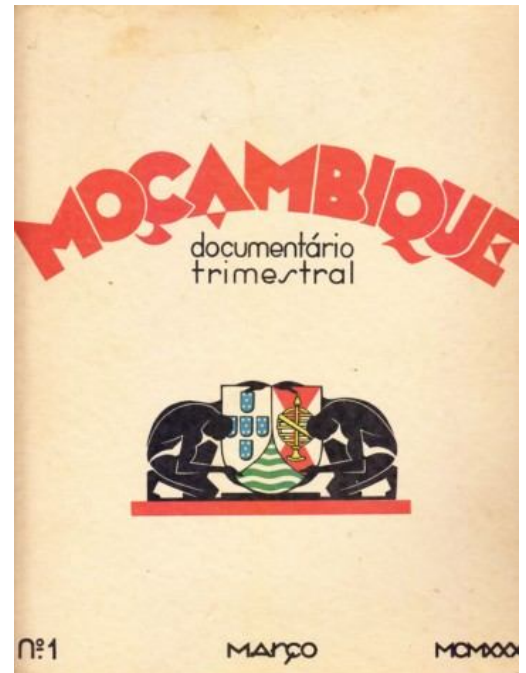
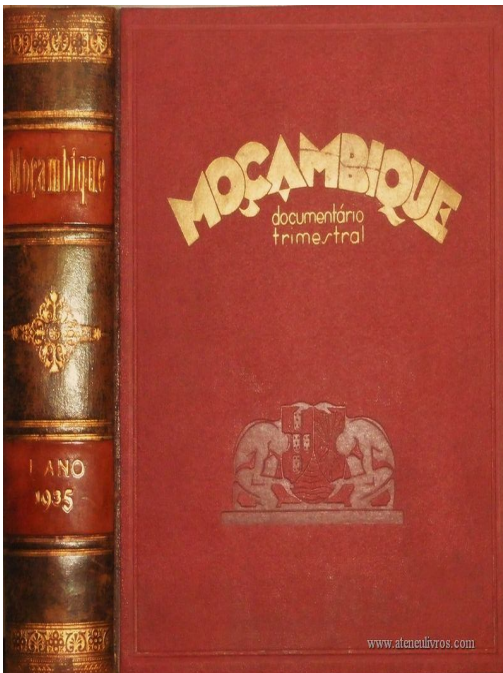
Registado e protegido pelos direitos de autor©

Nota breve: além de recursos à memória familiar do autor, foram consultadas outras fontes orais directas, documentos familiares, registos de arquivos abalizados e conferidos pelo autor. ('Mphumo' João Craveirinha JR.)

(1) Este ensaio inédito de JOÃO Craveirinha (sénior) «A CIRCUNSCRIÇÃO dos MACONDES e o FISCO» vem transcrito na minha tese de Ph.D. (Doutoramento de 2015 na Universidade de Lisboa). Oportunamente, e pelo interesse geral para os estudiosos de economia e sociologia referente a Moçambique e à política colonial portuguesa, reproduziremos este documento para informação dos nossos leitores interessados.

(2) Há várias coincidências entre o percurso do tio José e o do sobrinho, também João, mas júnior, e autor deste texto. Disso abordaremos mais tarde.

Brasões do colonialismo português e revista de estudos socioeconómicos coloniais



O Autarca
Primeiro jornal electrónico editado na cidade da Beira

Propriedade: AGENCIL – Agência de Comunicação e Imagem Limitada
Sede: Rua do Aeroporto – Desvio 2141 – Casa 711 – Beira
E-mail: oautarca@teledata.mz; oautarcabeira@yahoo.com.br
Editor: Chabane Falume – Cell: 82 5984510; 84 2647589 – E-mail: chabanefalume08@gmail.com

O Autarca: Preencha este cupão de inscrição e devolva-o através do fax 23301714, E-mail: oautarcabeira@yahoo.com.br ou em mão

SIM, desejo assinar O Autarca por E-mail (), ou entrega por estafeta no endereço desejado ()

Entidade.....
Morada..... Tel..... Fax..... E-mail.....

Individual () Institucional ()/...../ 2013

Assinaturas mensais MZM – Ordinária: 14.175.00 * Institucional: 18.900.00